

A intangível realidade: atmosferas, encontros e percepções

Betty Mirocznik

Mestranda na FAU-USP, onde pesquisa as relações entre arte, espaço e arquitetura por meio da análise dos projetos do arquiteto suíço Peter Zumthor e das instalações do artista dinamarquês Olafur Eliasson.

Contato: betty.arq.18@gmail.com

RESUMO

A sociedade atual é regida pelo excesso de imagens, atemporalidade, consumismo e uma espécie de capitalismo cultural. A arquitetura é impactada por essa realidade ao protagonizar a visão como uma espécie de ditadura do olho, que produz edifícios de formas exuberantes que não dialogam com as populações locais e nem consideram as características do lugar em que serão implantados, seus materiais e tectônica, resultando numa arquitetura de “estilo global”. Dentre os arquitetos que se contrapõem a essa forma de fazer arquitetura está o suíço Peter Zumthor, ao discutir o conceito de atmosfera como prática para uma boa arquitetura. Nessa mesma narrativa, autores como Juhani Pallasmaa e Christian Norberg-Schulz propõem a reflexão sobre a relação do homem contemporâneo com o espaço, a atmosfera e a noção do lugar.

Palavras-chave: Atmosfera; Espaço; Percepção

ABSTRACT

Our society is governed by the excess of images, timelessness, consumerism and some sort of cultural capitalism. The architecture is impacted by this reality when starring the vision as a kind of dictatorship of the eye, which produces exuberant buildings that don't dialogue with the local populations and neither consider the characteristics of the place where they will be built, their materials and tectonics, resulting in a “global style” architecture. Among the architects who confront this type of architecture is the Swiss Peter Zumthor, when discussing the concept of atmosphere as a practice for good architecture. In this same narrative, authors such as Juhani Pallasmaa and Christian Norberg-Schulz propose the reflection on the relation of the contemporary man with the space, the atmosphere and the notion of place.

Key-words: Atmosphere; Space; Perception

Introdução

“Arquitetura seria como música congelada.” (Schopenhauer)

Para Schopenhauer, autor dessa frase, os edifícios deveriam ser também percebidos em sua condição rítmica, pelos ouvidos e não só pelo olhar (apud. GALIANO, 2016, p. 41, nossa tradução).

O presente texto propõe-se à reflexão das relações e convergências entre a arquitetura e o homem contemporâneo, tomando como narrativa a produção do arquiteto suíço Peter Zumthor e as suas reflexões sobre o conceito de atmosfera, bem como visa refletir sobre as proposições conceituais de Christian Norberg-Schulz e Juhani Pallasmaa relativas ao mesmo tema.

Antes de adentrar nesse assunto, faz-se necessário entender a sociedade contemporânea articulada em torno de uma galáxia de imagens constantemente renovadas, que buscam o olhar do observador conseguindo apenas prender a sua atenção de forma fugaz antes de desaparecerem de modo instantâneo. Trata-se de uma sociedade regida pelo consumismo, imediatismo, atemporalidade e pelo poder do capital financeiro.

A arquitetura também é impactada por essa realidade ao protagonizar a visão e impor uma espécie de ditadura do olho, que produz edifícios de formas exuberantes que não dialogam com as populações locais e nem consideram as características do lugar em que serão implantados, seus materiais e tectônica, resultando numa arquitetura de “estilo global”.

Essa arquitetura-espetáculo transformada em imagem, opera a estetização e a celebração do superficial ao redesenhar museus, estádios e aeroportos que produzem valor em si mesmos por sua atratividade,

sua dimensão espetacular, e que funcionam como vetor promocional para gerar receita.

Do espaço indefinido ao lugar singular

Nesse viés, faz-se necessária a reflexão sobre as relações e convergências entre a arquitetura e a sociedade contemporânea. Uma arquitetura que questione o desperdício de formas e significados presentes nos edifícios atuais; uma arquitetura de qualidade que estabeleça relação de identidade com o lugar em que o projeto será implantado, tomando como narrativa a criação de lugares específicos a partir da transformação do espaço indefinido — à formação de um lugar singular.

É relevante resgatar nesse introito a narrativa da construção da arquitetura contemporânea. Consideremos como ponto de partida para essa reflexão a crise deflagrada pela exaustão da arquitetura moderna pautada apenas na relação entre a forma e a função. Essa dinâmica foi exaustivamente confrontada e questionada nas últimas décadas, quando a significação da arquitetura para a teoria crítica sofreu mudanças significativas, marcando a passagem da “era moderna” para o período denominado como pós-modernismo.

Essa mudança implicou em novas formas de viver. Se antes a nossa relação com o espaço era estanque, hoje é fluida, para não dizer displicente. Por outro lado, as demandas por novos usos do tempo exercem domínio sobre nossa relação com o espaço físico (natural ou construído) em que vivemos. Essa alteração se deu por imposição de avanços tecnológicos que transformaram os

meios de comunicação, criaram espaços e comunidades virtuais, alteraram aceleradamente os meios de produção e de circulação do capital financeiro e cultural globalmente. (LUDMER, 2017)

Foi a partir desses questionamentos que foram retomados os conceitos propostos pela fenomenologia da arquitetura, principalmente, com o intuito de operar em sentido contrário à doutrina vigente da visão. Adotou-se então a valorização dos demais sentidos como ferramenta para uma percepção e concepção espacial paradoxalmente mais primitiva e mais complexa.

Voltando ao tema da formação de lugares singulares, deve-se considerar o conceito originado na Roma antiga, quando se acreditava que todo ser possuía um espírito guardião *genius*, e, que esse espírito dava vida às pessoas e aos lugares determinando o seu caráter e a sua essência. O *genius* denota o que uma coisa é, ou o que ela quer ser. Ao abordar esse tema ainda presente em nossos dias, Norberg-Schulz, que será estudado adiante, afirmou,

(...) proteger e conservar o *genius loci* implica concretizar sua essência em contextos históricos sempre novos. Poderíamos dizer também que a história de um lugar deveria ser seu “autor realização”. O que, a princípio era simples possibilidade, é revelado pela ação humana, iluminado e conservado em obras de arquitetura que são ao mesmo tempo velhas e novas. Assim sendo, o lugar comporta propriedades que têm um grau variável de invariância. (NESBITT, 2008, p. 454)

Pode-se pensar no conceito de *genius loci* como um elemento efêmero, desfocado e imaterial e, intimamente relacionado às características de um lugar que lhe conferirá o caráter perceptível, único e memorável. Essa percepção se dá além dos cinco sentidos aristotélicos, pois, concomitantemente, envolverá os sentidos de orientação, gravidade, equilíbrio, estabilidade, movimento, duração, continuidade, escala e iluminação. (NESBITT, 2008)

Em sentido contrário ao conceito de *genius loci* encontra-se o conceito do *zeitgeist* (espírito da época), por conseguinte, da qualidade à quantidade, da percepção multissensorial ampliada à materialidade.

Nessa narrativa, o julgamento das propriedades do espaço será percebido de maneira difusa e periférica e não por intermédio de uma observação precisa e consciente. Pode-se considerar que a paisagem, espaço ou lugar nada mais são do que objetos relacionados a uma experiência singular, a uma imagem mental e neutra que se funde à nossa experiência cognitiva e existencial que induz a atos e atividades distintas.

Inicialmente pode parecer simples o fato do corpo ser o protagonista de nossas relações e do nosso estar no mundo. No entanto, traz à arquitetura uma discussão filosófica importante relativa à forma como nos relacionamos com os outros entes e com o mundo propriamente dito. Trata-se aqui da junção do corpo e da consciência, onde é dado ao corpo a função de sentir em primeira pessoa e à consciência, a criação das estruturas de mundos por meio dos dados percebidos.

Por mais abstrata que essa discussão se mostre, traz relações imediatas ao processo de concepção da arquitetura, pois ao adotar a visão como estratégia psicológica

e de persuasão, os arquitetos projetam edifícios desconectados dos aspectos existenciais e fenomenológicos.

Sendo assim, compartilhamos comumente da prática da apreensão e do desvelamento do entorno principalmente por meio da visão e, por esse motivo, reduzimos a ideia de captação do conteúdo estético de uma obra arquitetônica e de seu espaço a um simples olhar.

Essas reflexões entram na chave fenomenológica do arquiteto e teórico norueguês Christian Norberg-Schulz e do arquiteto e crítico finlandês Juhani Pallasmaa.

Norberg-Schulz fez duras críticas à construção de ambientes desprovidos de significados e que não estabelecessem a identificação com o usuário. Considerava como pressuposto que a identidade humana advém da identidade do lugar, de um retorno às coisas em oposição às abstrações e construções mentais. Como embasamento teórico, se serviu dos conceitos relativos à fenomenologia pensada pelo filósofo alemão Martin Heidegger, que caracterizou o ato de habitar como estar em paz num lugar protegido, como um ato de demarcação ou diferenciação de um lugar no espaço.

Ao relacionar a arquitetura e o habitar, Norberg-Schulz defendeu uma fenomenologia que se preocupasse com a concretização do espaço existencial mediante a formação de lugares. Nessa perspectiva, estaria definido o verdadeiro sentido da construção e a origem da arquitetura.

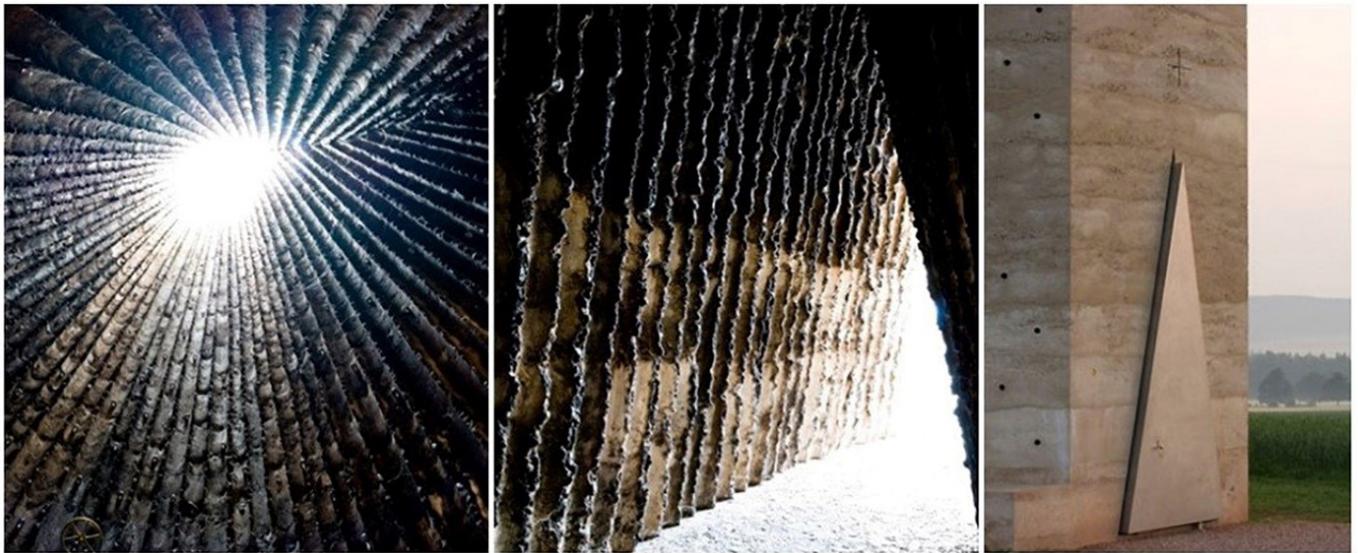
O arquiteto classificou como estrutura do lugar a resultante da relação entre o espaço e o caráter do *site*. Ao espaço corresponde a organização tridimensional dos elementos que formam o lugar e, ao caráter, a propriedade que denota o conceito de atmosfera. A somatória desses dois conceitos pode ser entendida como espaço vivido.

Outro aspecto a ser analisado é a relação entre lugares naturais e lugares criados pelo homem. No seu entender, os lugares construídos podem ser operados de três formas: a primeira, na tentativa de construir o que se viu; a segunda, na tentativa de simbolizar o seu modo de entender a natureza traduzida como um significado experimentado; a terceira, na tentativa de reunir os significados aprendidos por experiência. (NESBITT, 2008)

Voltando ao conceito da identificação do homem com o lugar, adotou como narrativa a relação de cada indivíduo com o ambiente portador de um significado, além da correspondência entre o mundo externo e o interno, entre o corpo e a alma, como base do sentimento de pertencer. Para Norberg-Schulz, os objetos de identificação podem ser entendidos como propriedades concretas do ambiente e afirma que, “o homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas”. (NESBITT, 2008; p. 454)

Faz-se necessária aqui uma distinção entre os fenômenos concretos e os menos tangíveis. Pode-se entender como concretos os fenômenos que compõem o nosso cotidiano: as substâncias materiais, formas, cores e outros, e, como fenômenos menos tangíveis, os sentimentos. Os fenômenos concretos determinam a essência e a qualidade ambiental e definem as características singulares que constituem a assim chamada *atmosfera* (Figura 1).

Tal como Norberg-Schulz, Juhani Pallasmaa aborda o tema da construção do lugar e o problema da perda da capacidade de comunicação da arquitetura. Para ele, o significado da arquitetura está relacionado à capacidade dos projetos simbolizarem a existência e à presença humana com foco no habitar, como a condensação de uma experimentação ampliada do



Fonte: Capela Bruder Klaus, Peter Zumthor, 2007.

Figura 01: Capela Bruder Klaus, Peter Zumthor, 2007.

mundo a partir das referências da memória, da imaginação e do inconsciente.

Pallasmaa entende que a ciência e a razão formulam uma atitude intelectual limitante, reducionista e elementarista, que traz resultados desastrosos para a arquitetura. Dessa forma a arquitetura converteu-se num campo da tecnologia e da livre expressão artística, afastando-se da experiência real da construção e da fruição dos espaços negligenciados pela ênfase excessiva das formas.

A arquitetura moderna em geral tem abrigado o intelecto e os olhos, mas tem deixado desabrigados os nossos corpos e demais sentidos, bem como a nossa memória, imaginação e sonhos (...) (PALLASMAA, 2007, p. 18)

Nessa reflexão faz-se necessário considerar o conceito de atmosfera. Para Pallasmaa a atmosfera pode estar relacionada à noção da qualidade de um espaço ou lugar, e não somente como uma característica da percepção como é geralmente assumido. Em sua reflexão, atmosfera é a complexa fusão multissensorial

de caráter ambiental e percebida de forma imediata e sintética, resultando em sentimentos como humor ou ambientação.

(...) A arquitetura, como todas as artes, está intrinsecamente envolvida com as questões da existência humana no espaço e no tempo, ela expressa e relaciona a condição humana no mundo (...) (PALLASMAA, 2007, p. 16)

A atmosfera de uma ambiência é construída com frequência pela forte presença da materialidade. Essa experiência fortalece o sentimento de realidade e temporalidade, embora as características atmosféricas dominantes de um lugar possam também ser alcançadas por meio do caráter acústico, do cheiro ou mesmo do clima especialmente agradável ou desagradável.

Na arguição de Pallasmaa, o corpo sensorial é essencial para a experiência do sentir e vivenciar a arquitetura em sua concretude: da materialidade (como já mencionado) às superfícies que se tocam, aos espaços que dialogam ou repulsam o corpo e que traduzem as

impressões individuais de cada usuário. Se posiciona criticamente ao que considera como a supremacia da visão nos processos cognitivos e na concepção da arquitetura contemporânea, contrapondo-se à cultura tecnológica atual e aos modos de vida automatizados que, para ele, são usados por vezes de forma desmedida.

À vista disso faz-se tão necessária a reflexão sobre o modo de entender e conceber as edificações, tomando como referência a escala e as necessidades do indivíduo em relação ao espaço projetado.

A propriedade material: paradigmas na procura da arquitetura sensitiva

Vários são os profissionais que refletem sobre essa forma de fazer arquitetura, e dentre eles está o arquiteto suíço Peter Zumthor. No seu entender, a atmosfera está relacionada à forma como experimentamos os espaços por meio de nossas memórias e percepções, os materiais empregados, a luminosidade além de muitas outras características. O arquiteto sugere uma leitura espontânea, emocional e não intelectual do espaço.

O poeta argentino Jorge Luis Borges dizia que, “O que não pode ser definido pode ser identificado” (apud. HAVIK, TEERDS, TIELENS, 1991).

Fica evidente que ao colocar fenomenologicamente o indivíduo como figura central em relação à obra e ao lugar, é dada ao usuário a vivência de um espaço envolvente, em harmonia e serenidade, que prioriza as coisas que nos rodeiam, como o som e a temperatura, em consonância com o corpo e os materiais.

A essa condição de aspectos sensoriais é agregada ao projeto a análise da topografia do terreno onde o edifício será construído; a ladeira e a curva de nível se apresentam ante o arquiteto como uma condicionante e um impulso. Assumir a topografia como

chave para estabelecer as massas e definir os volumes não supõe se submeter a ela ou adaptar-se de forma banal, mas sim enfrentá-la, criando por vezes um conflito ao gerar o novo edifício. Outras condições podem ser agregadas ao projeto, tais como a tectônica e uso dos materiais locais, o clima e a temperatura e por último, mas não menos importante, a compreensão e identificação das características do *genius loci*.

A arquitetura de Zumthor pode ser entendida como minimalista, por conta das soluções projetuais e tectônicas, além do uso comedido das formas com simplicidade geométrica.

Seus projetos apresentam uma espacialidade resultante da aplicação de recursos simples tipo *low tech* (baixa tecnologia), do uso do essencialismo matérico que opera na mediação formal e da temporalidade. Uma arquitetura que se transforma ao longo do tempo e não se encerra quando edificada.

Ainda sobre a atmosfera, o arquiteto incorpora a seus projetos alguns elementos místicos que favorecem a criação de espaços emocionais, e incorpora à sua reflexão o conceito de *slow architecture* (arquitetura lenta) — movimento que prega a desaceleração da vida contemporânea em oposição às exigências frenéticas de nossos dias. Sobre esse tema Zumthor afirma que, “Eu tento criar espaços emocionais que servem ao propósito de sentir o lugar” (PALLISTER, 2013, nossa tradução).

Como objeto de análise do seu trabalho elegi o pavilhão da *Serpentine Gallery*, por entender que esse projeto temporário e experimental possibilita a discussão do conceito de atmosfera de forma diversa aos demais projetos de Zumthor, pois foca na percepção multissensorial construída a partir da materialidade de um jardim dentro de um projeto expositivo (Figura 2).

Fonte: Serpentine Gallery, Peter Zumthor, 2011².

Figura 02: *Serpentine Gallery*, Peter Zumthor, 2011.

A *Serpentine Gallery*, situada dentro do *Kesington Garden*, em Londres convida a cada ano um arquiteto diferente para a construção de um pavilhão temporário. Esse programa com duração de três meses durante o verão londrino tem lugar numa área próxima ao edifício da *Serpentine*. Essa iniciativa transformou-se em um fórum para a discussão de ideias e propostas arquitetônicas arrojadas que fomentem a discussão de novos paradigmas tecnológicos, programáticos, formais e a experimentação arquitetônica.

Em 2011, Zumthor projetou um pavilhão com o conceito de *Hortus Conclusus* (jardim fechado cercado por muros). Um jardim dentro de outro jardim. O projeto de paisagismo ficou a cargo do designer holandês Piet Oudolf.

O pavilhão era composto por um corredor escuro e estreito que circundava toda a extensão do jardim. Essa circulação possuía duas aberturas em cada um dos lados para acesso à área interna da edificação. Na fachada externa foram criadas três aberturas em cada um dos lados do edifício. O pavilhão foi projetado de forma simétrica, com proporções bem definidas.

Ao utilizar um corredor como acesso ao pátio interno, Zumthor construiu um espaço de transição com poucas aberturas de luminosidade, resultando em luz e sombra (Figura 3). Projetou uma circulação mais larga no pátio interno, próximo ao jardim, para possibilitar a colocação de cadeiras e mesinhas que acomodassem o visitante para um tempo de contemplação e estar. Com o mesmo intuito, foram também afixados

Fonte: Serpentine Gallery, Peter Zumthor, 2011³.

Figura 03: Serpentine Gallery, Peter Zumthor, 2011.

bancos ao longo da estrutura de madeira. A proposta do arquiteto foi a de despertar no fruidor experiências sensoriais, corporais e temporais.

Partindo-se da narrativa do jardim como ponto central do projeto, percebe-se o seu fazer arquitetura com a criação de um espaço que trabalhou a harmonia, a atmosfera, a construção do lugar com base no modo de como as coisas se encontram e se harmonizam, além do jardim propriamente dito que despertava multissensorialmente o usuário com os seus cheiros, texturas, cores e sons.

Nessa perspectiva fica evidente que ao colocar o indivíduo como figura central, com as suas percepções, memórias e sensações em relação à obra e a identidade do lugar, Zumthor construiu um espaço envolvente que priorizava a consonância de cada um com as coisas que nos rodeiam.

Conclusão

A partir desse novo modo de pensar arquitetura e o entorno, embora ainda em regime de exceção, constata-se que há em operação uma nova narrativa que trabalha os espaços a partir da fenomenologia pautada na percepção do usuário, no emprego de materiais e tectônica que conversem com as características e a identidade do lugar para a construção do espaço. Nesse sentido, a atmosfera e a ambiência construídas através dos materiais empregados é peça fundamental no processo.

Possíveis limitações impostas pelas condições de mercado e pela própria complexidade que envolve o tema distanciam uma parcela de arquitetos do entendimento e da apreciação dessa prática, que se mostra como alternativa às produções atuais.

O arquiteto Peter Zumthor atua nessa narrativa. Suas obras possuem qualidades atemporais, projetadas com um humanismo minimalista; uma arquitetura íntima que expressa compaixão, dignidade e laconismo, características que são fundamentais para o seu descolamento dos modismos e tentativa de valorização da essência em uma sociedade que celebra o não essencial. Sua arquitetura oferece certa resistência ao se opor ao desperdício de formas e significados e ao utilizar a sua própria linguagem.

Isso posto, entendo que a construção de lugares específicos desperta a memória, as sensações e as percepções de cada indivíduo, resgatando a conscientização de cada um frente à ditadura do olho e do bombeamento de imagens.

Ao empregar a materialidade sob o viés da fenomenologia, Zumthor propõe uma nova relação do indivíduo com o espaço-tempo, como exemplificado no Pavilhão da *Serpentine Gallery*. Prática que segue em sentido contrário ao mercantilismo cultural da arquitetura contemporânea.

Notas de fim:

1. Disponível em: <<https://adt1314.files.wordpress.com/2013/11/z2.jpg>>. Acesso em: 20 Maio 2016.
2. Disponível em: <https://static.dezeen.com/uploads/2016/02/Serpentine-Gallery-Pavilion-2011-Peter-Zumthor_dezeen_05.jpg>. Acesso em 10 Maio 2016.
3. Disponível em: <https://2.bp.blogspot.com/-Mr21pS0swEQ/Tz0Ud7bR2sI/AAAAAAAAADjwQqNKr-jv0GHg/s1600/dezeen_serpentine-galer-pavilion-2011-by-peter-zumthor-photographed-by-hufton-and-crow_02.jpg>. Acesso em 10 Maio 2016.

Referências Bibliográficas:

- ALTÈS ARLANDIS, A. Aproximación, Reducción, Materialización: Algunas Reflexiones acerca de la Insuficiencia de la Representación a partir del trabajo de Peter Zumthor. In: *Editorial de la Universitat Politècnica de València (UPV)* (ed.), 130 Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica, Valencia, 2010. Valencia: Universitat Politècnica de València (UPV), p. 25-32.
- AMOUR, Sol. *Body | Sense Experience: An Architecture Of Atmosphere And Light*. Victoria University of Wellington. February 2012.
- BERTELOOT, Mathieu; PATTEEUW, Veronique. Form/Formless Peter Zumthor's Models. *OASE#91, Journal for Architects*, volume 83, 2013, p. 83-89.
- BOHME, Gernot. Encountering Atmospheres. A Reflection on the Concept of Atmosphere in the Work of Juhani Pallasmaa and Peter Zumthor. *OASE#91, Journal for Architects*, volume 93, 2014.
- BORCH, Christian (org.). *Architectural atmospheres: on the experience and politics of architecture*. Basileia: Birkhäuser Verlag, 2014.
- DIAMOND, Rosamund. Meditation im Garten: Der Serpentine-Pavillon 2011 von Peter Zumthor. In: *werk, bauen + wohnen*, 9|2011. Zürich: Verlag Werk AG, 2011, p. 64-67.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. Dioniso en Basilea. In: *Madri: Arquitectura Viva*, n° 77, 1999.
- _____. Topographical Works. In: *Madri: Arquitectura Viva*, n 166, 2014.
- _____. Anthropocene. In: *Madri: Arquitectura Viva*, n 189, 2016.
- FOSTER, Hal. *O complexo arte-arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

- HAVIK, Klaske; TEERDS Hans; TIELENS, Gus. Building Atmosphere. In: *Editorial*,
- HEATHCOTE, Edwin. *The unplugged pavilion*. Financial Times [London (UK)]. 02 July 2011: 12.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1998.
- JODIDIO, Philip. *Serpentine Gallery Pavilions 2000–2011*. Köln: Taschen-Verlag, 2011.
- KWON, Miwon. One place after another: site-specificity art and locational identity. *Cambridge (Mass.): The MIT Press*, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo-Viver na Era do Capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- LUDMER, Luis Carlos. *Além do cinema escultor do tempo*. São Paulo: Artigo apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2017.
- MALLISON, Helen. Zumthor's hairy Paradise. *Architectural Research Quarterly*, volume 15, issue 04, December 2011, p. 304-308.
- NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica, 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PALLASMAA, Juhani. *The eyes of the Skin: Architecture and the senses*. UK: John Wiley & Sons, 2007.
- _____; ZUMTHOR, Peter. Building Atmosphere. In: *Editorial, OASE #91, Journal for Architecture*, volume 91, 2013.
- PALLISTER, James. Zumthor: There are still some people who believe in architecture as art. *Architects Journal*, 2/7/2013, vol. 237, issue 5, p. 14-15.
- _____. *Gold Watch*. The Architectural Review, 5/3/2013.
- PLATT, Christopher; SPIER, Steven. *Seeking the Real: The Special Case of Peter Zumthor*. *Architectural Theory Review*, 15:1. 2010. 30-42, DOI: 10.1080/13264821003629238
- WAITE, Richard. Zumthor awarded Royal Gold Medal for 'mastery of light and materials'. In: *Architects Journal*, v 236, issue 12, 10/4/2012, p. 09.
- WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012.
- ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas – entornos arquitectónicos, as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- _____. *Pensar a arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.